TL 394

finisterra

DIRECTOR: EDUARDO LOURENÇO

Revista de Reflexão e Crítica

N.9 INVERNO 1992

DIRECTOR
EDUARDO LOURENÇO

DIRECTOR-ADJUNTO
FERNANDO PEREIRA MARQUES

CONSELHO DE REDACÇÃO
ALBERTO COSTA • ALBERTO SEIXAS SANTOS • ANTÓNIO REIS • EDITE ESTRELA • EDUARDO GEADA • FERNANDO MARQUES DA COSTA • GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS • JOÃO BÉNARD DA COSTA • JOAQUIM MESTRE • JOSÉ MARIA BRANDÃO DE BRITO • NUNO BREDERODE DOS SANTOS • VÍTOR CONSTÂNCIO

CONSELHO EDITORIAL
ALFREDO MARGARIDO • ANA MARIA BETTENCOURT • ANTÓNIO COIMBRA MARTINS • ANTÓNIO VITORINO • ARMANDO TRIGO DE ABREU • AUGUSTO MATEUS • BOAVENTURA DE SOUSA SANTOS • CARLOS BRITO • CÉSAR OLIVEIRA • CECÍLIA BARREIRA • EDUARDO FERRO RODRIGUES • EDUARDO PRADO COELHO • FERNANDO CATROGA • FRANCISCO BÉLARD • JOÃO DE ALMEIDA SANTOS • JOÃO CARLOS ESPADA • JOÃO CRAVINHO • JOÃO DAVID PINTO CORREIA • JOSÉ LAMEGO • JOSÉ PEDRO MARTINS BARATA • LÍDIA JORGE • LINDA SANTOS COSTA • LUÍS REIS TORGAL • MARIA IRENE RAMALHO DE SOUSA SANTOS • MÁRIO BAPTISTA COELHO • NUNO PORTAS • RUI NAMORADO • TERESA AMBRÓSIO

Registo de título n.º 113 463
ISSN 0871-7982
Depósito legal n.º 43 418/91
Grafismo: *Fernando Cerqueira*
Composição: *Alfanumérico, Lda.*
Impressão: *Tipografia Guerra, Viseu*
Propriedade: *Fundação José Fontana*
Redacção e Administração: Av. das Descobertas, 17
1400 LISBOA
Telefones: 301 38 08 / 301 59 56
Telefax: 301 39 09
Com o apoio do *Instituto Português do Livro e da Leitura*

1. Os originais destinados a publicação deverão ser dactilografados a dois espaços em páginas A4 de 25 linhas.
2. A revista não se compromete a devolver textos não solicitados.
3. Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores.
4. A reprodução parcial ou integral de textos publicados na *Finisterra* é permitida mediante autorização da Direcção e indicação da origem.

Índice

O Mundo e Nós

Do Nacionalismo como Implosão da Antiga Ordem mundial 7 Eduardo Lourenço

O Eterno Retorno dos Nacionalismos 13 Alfredo Margarido

Das Ideias

O Embaraço da Encruzilhada — ou uma Reflexão em Torno da Ética da Convicção e da Ética da Responsabilidade 39 Guilherme d'Oliveira Martins

A Esquerda na Era Pós-Industrial 63 João de Almeida Santos

Democracia, Partidocracia e a Europa 77 Jean Elleinstein

Entre Nós

A Democracia, a Esquerda e o Futuro 89 Fernando Pereira Marques

Da Memória

Divagação Anacrónica (ou Ainda Não) 99 Eduardo Lourenço

Evocação de Antero — o Último Artigo 115

Sociedade

Os Interesses do Consumidor na CEE 119 Beja Santos

Soltos

A Liberdade de Tiro do Exército Comunista da Jugoslávia 145

Enaltecer e Evocar Feitos 148

Um *Ombudsman* das Minorias na CEE 150

Timor da Nossa Vergonha 153

Os Fascistas e Nós 155

Cultura

O Testamento Histórico-Político de Mário António (Fernandes de Oliveira) 161 Alfredo Margarido

Dos Leitores

Partidocracia — Aparência ou Realidade? 169

COLABORAM NESTE NÚMERO

EDUARDO LOURENÇO	Ensaísta
ALFREDO MARGARIDO	Investigador na École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris
GUILHERME D'OLIVEIRA MARTINS	Jurista e Deputado à Assembleia da República
JOÃO DE ALMEIDA SANTOS	Docente universitário
JEAN ELLEINSTEIN	Presidente do *Forum International de Politique* e director da revista «Cosmopolitiques» (Paris)
FERNANDO PEREIRA MARQUES	Sociólogo e Deputado à Assembleia da República
BEJA SANTOS	Economista e assessor do Instituto Nacional de Defesa do Consumidor
CARLOS BRITO	Cartoonista
VASCO DE CASTRO	Cartoonista

-estados, ou estamos condenados a assistir a uma explosão de mini--catástrofes.

Pelo que as discussões actuais do Conselho da Europa consagradas a um problema tão candente me parecem as mais necessárias, as mais indispensáveis. Podemos dar-nos conta, perante a situação da Jugoslávia, a que ponto teriam sido indispensáveis as instâncias capazes de servir de mediadoras, num afrontamento que só podemos classificar como um terrível desastre para as instituições políticas europeias.

Os tiros de canhão do exército sérvio tocam a finados não só de croatas, mas assinalam a fraqueza congénita das diferentes instâncias que deveriam ter agido como representantes dessa «comunidade internacional» que avança às vezes às arrecuas, como aconteceu agora na Jugoslávia. Bem sei que se pode dizer que Roma e Pavia não se fizeram num dia, mas tal nos dá pouca satisfação, uma vez que os homens morrem todos os dias, por vezes em condições físicas e morais abomináveis, como se a espécie humana não fosse capaz de abandonar o primitivismo da violência!

Esperemos que não tarde a ser nomeado o primeiro «ombudsman» das minorias, sejam elas quais forem, sem se ater a considerações de número, uma vez que a regra quer que se meça primeiro a demografia do grupo, para decidir a intervenção. Seria conveniente pôr termo a esta maneira de agir, que deixa mal feridos, por vezes em estado de coma, não poucos grupos que ao acreditarem nas suas razões, acreditam também na possibilidade de serem compreendidos pela comunidade internacional.

Talvez agora seja possível prever, antecipar, impedir mortes e guerras. Para dispôr dos meios necessários para fazer outra coisa, mais criadora: reinventar o homem.

A. M.

Timor da Nossa Vergonha

Com a transformação da repressão de 12 de Novembro de uma manifestação pacífica em acontecimento mediático, eis que finalmente a luta esquecida e longínqua dos Timorenses conseguiu perturbar a boa consciência das sociedades ocidentais. Aqueles sinistros militares de Djacarta que sob o sangue construiram o seu domínio, com aquele não menos sinistro Suharto à sua frente, devem de facto estar interessados em levar até às últimas

consequências um inquérito rigoroso aos acontecimentos no Cemitério de Dili, mas para apurar a «incompetência» de quem permitiu que tais imagens chegassem ao estrangeiro, que jornalistas ocidentais estivessem presentes e a inabilidade dos soldados em espancarem — ainda por cima deixando-os vivos — logo jornalistas norte-americanos.

Tantos erros juntos vêm deitar por terra o trabalho paciente da diplomacia indonésia que, explorando a hipocrisia interessada dos seus amigos dos EUA à Austrália, do Japão à França e ao Vaticano, tem, sem grande dificuldade, reduzido à sua insignificância o palrar inconsequente do Governo português.

Não sabemos o que nos deve mais indignar — supondo que ainda há capacidade para tal —, se a hipocrisia das respeitáveis democracias norte-americana e outras, se o calculismo não menos hipócrita da chamada Sua Santidade que no Vaticano pondera o valor do sangue como qualquer senhor do mundo. Porque mais uma vez se viu que todos os povos são iguais quanto à sua dignidade e aos direitos humanos, mas que há uns mais iguais do que outros. Os Timorenses, para seu mal, não estão no Leste europeu para suscitar a ira santa do chefe do Vaticano, nem no Médio Oriente para provocarem a intervenção providencial dos «boys» norte-americanos. Povo pobre e modesto no contexto dos diversos equilíbrios mundiais, perturbador da estratégia de poderes regionais como a Austrália, estava condenado a morrer e a sofrer no silêncio e na indiferença.

A menos que agora os erros cometidos pelo excesso de arrogância e de auto-confiança das tropas indonésias, suscite um apoio e uma indignação que não seja meramente conjuntural. Inclusive no nosso país, onde é motivo de esperança a forma como a juventude parece ter adoptado a sua causa. Valha-nos a juventude, para esperar que nem tudo esteja perdido neste país de tanta gente acomodada e cínica, de coluna vertebral amolecida por heranças pesadas de um passado de inquisições e salazarismos que deixou marcas terríveis no plano do carácter e da cidadania, as quais dezassete anos de democracia não conseguiram tratar e em certos aspectos até sublimaram.

Finalmente, importará ainda sublinhar a enorme dignidade e coragem daquele povo e da personalidade de Xanana Gusmão que se está a afirmar como uma das figuras que elevam e engrandecem a humanidade e assim dá lições aos senhores do mundo instalados no luxo obsceno da Igreja ou na pomposidade dos palácios democráticos de Washington, de Sidney ou do Eliseu.

Qualquer que seja a evolução da luta do povo de Timor, essa luta constitui desde já uma enorme lição ao mundo e deve ser olhada com respeito e admiração.

F. P. M.